

# *Imprensa católica e formação política e social do Brasil*

Catholic press and political and social formation of Brazil

*José Simão da Silva Sobrinho*

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil

**Resumo:** Neste estudo, investigamos, a partir das ferramentas teórico-metodológicas fornecidas pela Análise de Discurso, como o comunista e o comunismo foram significados na imprensa católica brasileira na década de 30. Entre os vários jornais católicos que circularam nessa época, tomamos para análise o jornal *A Cruz*, semanário da arquidiocese de Cuiabá (MT). Em seu funcionamento discursivo, pelo modo como articulou o simbólico com o político, esse jornal produziu efeitos de sentidos de satanização do comunismo e do comunista, concorrendo, desse modo, para a formação social e política do Brasil.

**Palavras-chave:** História do Brasil. Imprensa brasileira. Imprensa católica. Comunismo no Brasil.

**Abstract:** We investigate in this study through theoretical-methodological tools supplied by Discourse Analysis, how the communist and the communism were meant in Brazilian Catholic press in the 1930s. Among several Catholic newspapers that circulated at that time, we took for analysis the weekly newspaper *A Cruz* in the Archdiocese of Cuiabá (MT). In its discursive function, by the way it articulated the symbolic with the politic, this newspaper produced sense effects of satanization of the communism and communist, competing, in this way, for the social and political formation of Brazil.

**Keywords:** History of Brazil. Brazilian press. Catholic press. Communism in Brazil.

## Introdução

Comemoramos, há pouco, os duzentos anos do surgimento da imprensa no Brasil. Sentimos falta, nos eventos e publicações que abordaram o desenvolvimento de nossa imprensa nesses duzentos anos, de um aprofundamento da reflexão sobre a participação da imprensa católica no processo de formação da sociedade brasileira. Pensamos que os estudos sobre a história da imprensa no Brasil ainda não compreenderam suficientemente a importância da imprensa católica das primeiras décadas do século XX para a nossa formação social e política. Esses estudos ficam circunscritos, geralmente, à investigação da chamada imprensa de referência.

Como veremos, os jornais católicos, por seu funcionamento discursivo, pelo modo como articularam o simbólico com o político, contribuíram não só para o processo de interdição do comunismo e fortalecimento do capitalismo no Brasil, como também para a produção da formação discursiva que continua significando como vandalismo ou banditismo os movimentos de resistência da sociedade brasileira, entendendo-se por formação discursiva “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997a, p. 160).

Neste artigo, buscamos compreender a produção dessa formação discursiva analisando os efeitos de sentidos produzidos para o comunista e o comunismo no jornal católico *A Cruz* na década de 30. O jornal *A Cruz* foi um semanário da arquidiocese de Cuiabá (MT). Examinamos edições desse jornal de 1910 até o início da década de 40. Nas edições disponíveis para consulta no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, não encontramos nenhuma referência direta ao comunismo ou ao comunista até o final da década de 20. Na década de 30, praticamente todas as edições consultadas publicaram algum texto tratando do comunismo ou do comunista. Não encontramos textos sobre o tema nas edições da década de 40 às quais tivemos acesso.

À época de circulação do *A Cruz*, a Igreja Católica fez uma forte campanha em prol da leitura de seus jornais. Em vários números do *A Cruz* aparece a vinheta: “Para toda família catholica, é dever de consciência assignar um jornal catholico.” Conforme Antão de Mendonça, em “A Missão da Imprensa Catolica” (*A Cruz*, 26/11/1933), os jornalistas católicos são “porta-vozes preciosos da própria Igreja, da Hierarquia

e dos seus ensinamentos”. Eles são, continua o autor, “os mais altos e nobres porta-vozes de tudo quanto diz e realiza a Santa Madre Igreja”.

Além do semanário *A Cruz*, fundado em 15 de maio de 1910, outros jornais católicos foram criados nas primeiras décadas do século XX: *Santuário da Aparecida*, de Aparecida (SP), fundado em 1901; *O Semeador*, de Maceió (AL), fundado em 1913; *Semana Religiosa*, de Pouso Alegre (MG), fundado em 1916; *Registro Diocesano*, de Guaranhuns (PE), fundado em 1921; *A Estrela do Sul*, de Porto Alegre (RS), fundado em 1922; *O Horizonte*, fundado em 1922; *Santuário de Santa Terezinha*, de Taubaté (SP), fundado em 1924; *O Luctador*, de Manhú-Mirim (MG), fundado em 1929; *A Bôa Nova*, de Aracaju (SE), fundado em 1931; *Voz do Sul*, de Anápolis (GO), fundado em 1931; *Brasil Central*, de Bonfim (GO), fundado em 1932; *A União*, *A Cruz*, *Liga Catholica Jesus Maria José* e *O Brasileiro*, todos do Rio de Janeiro (RJ), fundados, respectivamente, em 1909, 1918, 1924 e 1930.

A ideia de fazer esse trabalho partiu da leitura de Mariani (1998). A autora analisa a representação do comunista no imaginário da imprensa de referência no período 1922-1989. Nesse imaginário, o comunista ocupa a posição do inimigo a quem se deve combater. A imprensa funciona “desambiguizando o mundo, homogeneizando os sentidos e instituindo ‘verdades’ que ela mesma coloca em circulação” (MARIANI, 2008, p. 224).

### **As condições de produção do jornal *A Cruz***

Na década de 30, época na qual o jornal *A Cruz* publicou textos sobre o comunismo e o comunista em praticamente todas as suas edições, o cenário político brasileiro estava turbulento. Conforme Siqueira et al. (1990, p. 84), “o quadro da sociedade brasileira entre os anos de 1920 e 1930 vai se caracterizar como agitado e convulsivo, eclodindo, em 1930, com o golpe de Estado implementado por Getúlio Vargas”.

Nesse período, a elite brasileira “mantêm, sob rígido controle, as classes trabalhadoras (rurais e urbanas), através do sistema de relações de favor e dependência econômica” (SIQUEIRA et al., 1990, p. 84). Nas décadas de 20 e 30, aumentou a oposição a essa elite. A classe operária se fez notar “marcando a conjuntura política brasileira e obrigando os demais atores sociais a se posicionarem diante de sua presença” (FARIAS, 1998, p. 30).

Nesse contexto político surgiram, na década de 20, o Movimento de Restauração Católica e o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Este, fundado em março de 1922, “ganharia força e capacidade de articulação, conseguindo tornar-se a principal representação política operária” (FARIAS, 1998, p. 30). Aquele, fruto do conservadorismo católico originado no século XIX, foi um movimento reacionário que “visava garantir a ordem social, restabelecendo o princípio da autoridade contra o princípio da liberdade que marcaria o liberalismo predominante” (p. 32).

Posicionando-se ao lado das classes dominantes, o Movimento de Restauração Católica elegeu o comunismo como seu principal inimigo nas décadas de 20 e 30. O comunismo representou, para os líderes desse movimento, uma ameaça aos interesses da Igreja Católica e dos grupos sociais dominantes. Frente à “ameaça comunista”, intelectuais ligados a esse movimento buscaram uma “mútua colaboração entre Estado e Igreja na definição e implementação de um projeto de reordenamento da totalidade da sociedade, visando solucionar a crise nacional, em especial a questão operária ou social, controlando-a” (FARIAS, 1998, p. 36).

Esse antagonismo entre a classe operária e a elite do Movimento de Restauração Católica se intensificou na década de 30. Nessa época, à frente da esquerda estava o PCB, sob supervisão do *Comintern*, sediado em Moscou. Como estratégia para ter o poder sobre outros grupos também de esquerda, o PCB criou, em 1935, uma frente esquerdista denominada Aliança Nacional Libertadora (ANL), que, liderada por Luís Carlos Prestes, congregou outros partidos.

Por sua atuação, a ANL despertou “os temores da elite, tanto civil quanto militar” (FARIAS, 1998, p. 159). Como assinala Farias (1998), “os políticos e os generais estavam há muito desconfiados da organização dos trabalhadores (as ‘classes perigosas’, como eram conhecidas)” (p. 159), desconfiança potencializada pela presença do comunismo no cenário político nacional e internacional. O resultado foi a implementação de leis repressivas.

Não só a esquerda, mas também a direita estava mais bem articulada na década de 30. Havia novos grupos políticos, e a Igreja Católica estava politicamente mais forte. Ela ganhou mais força com a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB), que visava a “um Brasil cristão baseado numa sociedade disciplinada com pouca tolerância para a ação revolucionária da esquerda” (FARIAS, 1998, p. 159). Em Mato Grosso, a AIB se organizou na capital e no interior do Estado nos anos de 1934

e 1935, levando adiante seu programa de combate ao comunismo e ao sistema político liberal, e de defesa dos valores espirituais, da ordem e da disciplina.

A discursividade do jornal *A Cruz*, órgão da Liga Social Catholica de Cuyabá, foi produzida sob essas condições políticas. Estamos pensando a discursividade como processo discursivo, efeito da relação da língua com a história. Nessa perspectiva, definimos o discurso como efeito de sentido (PÊCHEUX, 1997b), não se confundindo com a fala, com o texto ou com estruturas cognitivas.

Pertencem às condições de produção do *A Cruz* as relações interdiscursivas que constituem a sua historicidade, a sua materialidade significativa, por exemplo, as relações constitutivas com as discursividades da imprensa de resistência, tal como o jornal *A Reação*, da Liga Matogrossense de Livres Pensadores.

### **O discurso do jornal *A Cruz***

Uma característica do discurso anticomunista do jornal *A Cruz* é a polarização, como podemos depreender nas sequências discursivas a seguir:

(1) o que se traduz da maldosa concepção do tal emblema em que se vêm o amor e o ódio, o *christianismo* e o *comunismo*, *Deus* e o *Diabo*, conduzidos, dispostos, unidos. (*A Cruz*, 20/12/1936, p. 1).

(2) ou se é *por Christo* e *contra Marx*, ou se é *por Marx* e *contra Christo*. (*A Cruz*, 25/04/1937, p. 1).

(3) A *collectividade*, desconhecendo a *Deus*, necessariamente tem que substituir, como de facto substitue, a *consciencia pessoal*, a *razão pessoal* e a *liberdade pessoal*, pela *consciencia colectiva*, a *razão colectiva* e a *liberdade colectiva*. (*A Cruz*, 19/06/1935, p. 1-2).

A polarização que funciona nessas sequências pode ser mais bem visualizada na tabela 1, na qual agrupamos os nomes ou expressões nominais grifados, conforme as famílias parafrásticas que formam; entendendo-se os processos parafrásticos como “retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 1999, p. 36):

**Tabela 1 - Polarização do discurso anticomunista do A Cruz**

Família parafrástica 1	Família parafrástica 2
Amor ↓ Christianismo ↓ Deus ↓ Christo ↓ Consciencia pessoal ↓ Razão pessoal ↓ Liberdade pessoal	Ódio ↓ Communismo ↓ Diabo ↓ Marx ↓ Consciencia colectiva ↓ Razão colectiva ↓ Liberdade colectiva
↔	

Pelo mecanismo da antítese, o discurso analisado opera a desopacificação das práticas sociais. Produz-se o apagamento de suas contradições, que são seus elementos dinâmicos, sua potência de mudança. A polarização produz uma relação imaginária com a realidade que unifica o que é disperso, que enclausura em identidades totalitárias.

As posições discursivas conformadas pela polarização formulada nas sequências (1), (2) e (3) não são, como podemos notar, homogêneas. Elas são constituídas tanto por sentidos que se inscrevem na discursividade religiosa judaico-cristã quanto por sentidos que se inscrevem na discursividade jurídica. Os sentidos de “amor”, “Deus”, “Christo” e “Christianismo”, sentidos que conformam o sujeito religioso, deslizam, por um efeito metafórico, fenômeno semântico no qual o deslizamento de sentidos entre x e y, elementos de uma paráfrase, é constitutivo do sentido tanto de x quanto de y (PÊCHEUX, 1997b), para “consciencia pessoal”, “razão pessoal” e “liberdade pessoal”, sentidos que conformam o sujeito de direito. O religioso e o jurídico se articulam pela individualização. Os sentidos de “Diabo”, da discursividade religiosa, deslizam para “Marx”, “Communismo”, “consciencia colectiva”, “razão colectiva” e “liberdade colectiva”, produzindo o recobrimento do político pelo religioso.

A polarização que vemos funcionando no jornal *A Cruz* está sustentada em um imaginário trágico da história, como depreendemos nas seguintes sequências discursivas:

(4) Aproxima-se a hora final da luta. (*A Cruz*, 09/06/1935, p. 1-2).

(5) O mundo hoje se divide em dois grandes campos de batalha. (*A Cruz*, 25/04/1937, p. 1).

Nessas sequências discursivas, está em funcionamento o imaginário do juízo final, do tormento eterno dos maus e da felicidade perene dos bons. Esse imaginário aterroriza, por conter sempre uma ameaça de infortúnio. Sua formulação, no discurso em análise, é, pois, um modo de violência simbólica. O que estamos denominando como imaginário, diz respeito ao “modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder” (ORLANDI, 1999, p. 42).

Pelo deslocamento de sentidos que produz, o discurso anticomunista do jornal *A Cruz* intimidou seus leitores com a ameaça dos tormentos eternos, fazendo corresponder os antagonistas da batalha final, Cristo e o Anticristo, com os da luta política nas primeiras décadas do século passado, o comunismo e o capitalismo.

Desse modo, sustentado na promessa da bem-aventurança e na ameaça do castigo eterno, deslizando sentidos do religioso para o político, o discurso anticomunista católico produziu efeitos na história política brasileira, interditando os modos de subjetivação e sociabilidade propostos pelo comunismo.

### **A determinação discursiva do comunismo e do comunista**

Na perspectiva discursiva que estamos adotando, os mecanismos sintáticos são tomados em seu funcionamento nos processos de enunciação, nos quais, por injunção das formações discursivas, diz-se uma coisa e silencia-se outra, diz-se de um modo e não de outro.

Desse modo, o mecanismo sintático de determinação de um nome “consiste em saturar-lhe o significado para qualificá-lo a integrar sequências discursivas afetadas por determinadas formações discursivas” (INDURSKY, 1997, p. 177). Em outros termos, no processo de determinação discursiva, uma expressão nominal tem sua extensão limitada e é dotada de “referência atual, para que se qualifique como elemento de dizer ideologicamente identificado à FD [formação discursiva] que afeta o discurso em que tal expressão ocorre” (INDURSKY, 1997, p. 180).

Na textualização do discurso anticomunista do jornal *A Cruz*, os nomes “comunismo” e “comunista” são discursivamente saturados como segue:

(6) o regimen vigente na Rússia é não apenas ‘uma manifestação exclusivamente política e econômica’, mas sem duvida tambem ‘uma manifestação de ordem espiritual e religiosa’. (*A Cruz*, 09/06/1935, p. 1-2).

(7) E ha cretinos politicos e pretensos mestres, que querem implantar nos paizes christãos, essa *maldita doutrina bolchevista, fructo da arvore satânica*, que e o odio contra Deus. (*A Cruz*, 19/07/1936, p. 1).

(8) O Communismo atheu, prova-o Pio XI, é a maior degradação do homem. (*A Cruz*, 15/08/1937, p. 1).

Os determinantes do nome “comunismo” formam, nessas sequências discursivas, uma família parafrástica que, conforme observamos a respeito da polarização analisada anteriormente, desloca os sentidos do comunismo do campo discursivo político para o campo discursivo religioso. Compreendemos como campo discursivo “um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região” de sentidos (MAINGUENEAU, 1997, p. 116).

Como podemos depreender a partir dos determinantes “manifestação de ordem espiritual e religiosa”, “maldita doutrina bolchevista”, “fructo da arvore satânica”, “odio contra Deus”, “atheu”, “maior degradação do homem”, a saturação discursiva do nome “comunismo” inscreve o comunismo, por filiações de sentidos, ao campo discursivo das religiões judaico-cristãs. O nome “comunismo” não é saturado como programa político, mas como “movimento” religioso satânico. Operando esse deslocamento na referencialidade, o discurso anticomunista em análise anula a alteridade política. O “outro” político é significado como o “outro” religioso. Silencia-se, desse modo, a discussão política.

Por esse deslizamento de sentidos, de protagonista político o comunista passa a ser significado como protagonista da batalha apocalíptica entre o bem e o mal, Deus e o Diabo. Ser comunista, por esse efeito metafórico, é estar do lado do Diabo nessa batalha. A subjetivação pelo discurso comunista é, desse modo, interdita pela discursividade do jornal *A Cruz*.

O nome “comunista” é determinado do seguinte modo:

(9) É de lastimar que em cidades do interior do paiz haja tambem destes *perturbadores da ordem*, os quaes, *besuntados de falsas ternuras* para com um operariado que nunca pensára antes em maldizer a propria condição, *enchem-lhe a cabeça de caraminholas, concitando-o á rebelião, á anarchia*. (A Cruz, 08/10/1933, p. 1).

(10) ja disse alguem que todo *vagabundo*, *sem coragem para o trabalho*, faz-se *apostolo ardoroso da causa cammunista*. (A Cruz, 08/10/1933, p. 1).

(11) Como dar credito no palavreado de certa gente, tantas vezes de *reputação metralliada* e que *não possui as credenciaes necessarias para falar* em nome de ninguém?! *Pessoas que nunca conheceram o trabalho, verdadeiros parasitas sociaes* ou *legitimos chupins*, e que *se arvoram em mestres do trabalho!* (A Cruz, 08/10/1933, p. 1).

Os determinantes discursivos destacados formam uma família parafrástica (“perturbadores da ordem”, “besuntados de falsas ternuras”, “enchem-lhe a cabeça de caraminholas”, “concitando-o á rebelião, á anarchia”, “vagabundo”, “sem coragem para o trabalho”, “apostolo ardoroso da causa cammunista”, “reputação metralliada”, “não possui as credenciaes necessarias para falar”, “pessoas que nunca conheceram o trabalho”, “verdadeiros parasitas sociaes”, “legitimos chupins”, “se arvoram em mestres do trabalho”).

O comunista é significado, no processo de determinação discursiva observado nessa família parafrástica, como embusteiro, inimigo da religião e da pátria, da ordem e do trabalho. Está em funcionamento um processo de significação que interdita a posição-sujeito comunista pelo mecanismo da identificação do comunista com as formas de ser, agir, pensar interditas pelas formações ideológicas predominantes na formação social brasileira da época.

## **A denominação do comunista e do comunismo**

Como compreendemos, nos processos de denominação, não é direta a relação entre o nome e o referente, pois os referentes “não são invariantes primeiros, mas pontos de estabilização de processos de natureza ideológica” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 227). Desse modo, a referencialidade é um efeito de sentidos (HENRY, 1975).

Além das determinações discursivas, as denominações também constroem a referencialidade do “comunismo” e do “comunista” no jornal *A Cruz*:

(12) Haverá razão para se aceitar um *falso messianismo social* que, sob pretexto de preparar o futuro, martirisa centenas de milhares de pessoas. (A Cruz, 26/06/1932, p. 2).

(13) Não vemos nenhuma potencia oppor-se ao *horrível dragão* [...] Chamados por Pio XI [...] saem de uma nuvem S. Miguel e os seus combatentes para travar a luta com o *monstro*. [...] leva Miguel a arma principal, a Cruz, contra a qual o dragão vomita em vão o seu fogo; na esquerda leva uma espada de fogo, combatendo com o fogo divino contra o *fogo satânico*. (A Cruz, 08/10/1933, p. 1).

(14) O comunismo não passa, nessas condições, de *grosseira idolatria social*. (A Cruz, 09/06/1935, p. 1).

(15) Nessas condições, urge saber qual será o espírito que amanhã há animar taes massas, em nome de que princípios fundarão ellas a 'nova vida'. No de Deus e do Christo, elemento espiritual depositado no fundo de nossa natureza? Ou, ao contrário, no do *antichristo*, da *matéria deificada*, da *collectividade humana elevada a divindade*? (A Cruz, 09/06/1935, p. 1-2).

(16) E há cretinos políticos e pretensos mestres, que querem implantar nos paizes christãos, essa *maldita doutrina bolchevista, fructo da arvore satânica*, que é o odio contra Deus. (A Cruz, 09/07/1936, p. 1).

(17) A *féra da calunnia e da intriga* atassalhando reputações illibadas campeia, ruge e arreganha os dentes em toda parte. (A Cruz, 27/12/1936, p. 1).

(18) Então como agora, a ocasião se afigurou ao demônio a mais opportuna possível, para o exito duma *tentação diabólica*. (A Cruz, 15/08/1937, p. 1).

(19) *Quer se chame Satã, Lúcifer, Asmodeu, Belial ou Beelzebub*, foi tentar o carpinteiro solitário. *Quer se disfarce em Marx, Engels, Lenine, Estalin ou Trozki*. O seu fim é seduzir o proletariado de todo o mundo. (A Cruz, 15/08/1935, p. 1).

Nessas sequências discursivas, depreendemos e grifamos a família parafrástica que constrói a referencialidade do nome "comunismo". Como observamos, as denominações do comunismo estão circunscritas ao campo discursivo da religião, associadas ao Diabo, assim como as determinações discursivas já analisadas. Produz-se, no processo de denominação, uma referencialidade que desloca o comunismo do campo político para o campo religioso. Ser comunista, nessa discursividade, é filiar-se ao mal, é aliar-se ao Diabo na guerra contra Deus, ficando, com isso, sob a ameaça do castigo eterno.

Esse recobrimento do político pelo religioso é depreendido, também, no processo de denominação do comunista:

(20) censurarem a lamentável e estúpida complacência, a criminosa transigência de muitos cristãos (protestantes) com os *inimigos jurados do cristianismo*, os propagandistas do comunismo. (A Cruz, 26/06/1932, p. 2).

(21) Doce ceticismo: pois estar-se-á bem certo dos documentos publicados acerca do trabalho dos ‘*Sem Deus?*’ (A Cruz, 16/06/1932, p. 2).

(22) já disse alguém que todo *vagabundo*, sem coragem para o trabalho, faz-se *apostolo ardoroso* da causa comunista. (A Cruz, 08/10/1933, p. 1).

(23) E há *cretinos políticos* e *pretensos mestres*, que querem implantar nos países cristãos, essa maldita doutrina bolchevista. (A Cruz, 19/07/1936, p. 1).

Note-se que as denominações do comunista filiam-se, também, ao campo discursivo religioso. Mesmo a denominação “vagabundo”, que comumente se inscreve no campo discursivo do trabalho, do capital, por injunção da relação parafrástica, desliza para o campo discursivo religioso. Segundo o relato bíblico, foi Deus quem instituiu o trabalho. Nesse sentido, não trabalhar é se insurgir contra Deus.

Pelo efeito metafórico, as denominações identificam o comunista com o Diabo – “Sem Deus”, “inimigos jurados do cristianismo”. Como vimos, tanto nas determinações discursivas quanto nas denominações, o discurso anticomunista que estamos analisando produz um imaginário sobre o comunismo e o comunista não a partir do campo discursivo político, mas do religioso.

Não foi, porém, a primeira vez que os “inimigos” da Igreja ou do Estado foram satanizados. Link (1998), analisando as representações do Diabo na arte medieval e renascentista, constatou que “os hereges eram descritos como instrumentos de diabo, sendo bem possível que algumas das primeiras representações de anjos caídos e diabos tivessem rostos de hereges” (LINK, 1998, p. 129).

Ao longo da história, a Igreja produziu o imaginário do Diabo como forma de “evitar encarar fatos sociais incômodos” (LINK, 1998, p. 129). Como analisa o autor, “talvez a crença no diabo seja um modo de os cristãos, e mesmo os não cristãos, evitarem encarar perversidades que de outro modo poderiam revelar o quanto são inadequadas as explicações teológicas” (p. 204).

Link (1998) assinala que, “quando os decretos do governo e da Igreja referem-se ao Diabo, em geral estão se referindo a seus próprios oponentes [...]. O Diabo tem o ‘rosto’ do oponente [...] O Diabo com frequência é meramente o Outro.” (p. 193). No funcionamento discursivo que investigamos, a identificação do comunismo com o Diabo interdita a posição-sujeito comunista, silenciando o debate político. Opera-se, pelo recobrimento do político pelo religioso, o que Orlandi (1995) denomina como política do silêncio.

### Considerações finais

O discurso anticomunista do jornal *A Cruz* produz um deslocamento na referencialidade do comunista e do comunismo, por significá-los no campo discursivo da religião e não no da política, como pudemos depreender na análise dos processos de denominação e de determinação.

Com esse deslocamento, significando o comunista e o comunismo na posição-sujeito Anticristo na luta cósmica entre o bem e o mal, o discurso anticomunista que analisamos silenciou o debate político, na década de 30, pelo terror. Isso produziu efeitos na formação social e política brasileira, uma vez que contribuiu para a rejeição ao comunismo e, conseqüentemente, para o fortalecimento do capitalismo.

É preciso considerar as condições de produção dessa discursividade anticomunista do *A Cruz*. Ela foi produzida no interior das lutas de classes que conformaram a sociedade brasileira na década de 30. Nesse contexto, o operário descontente com suas condições materiais de existência foi facilmente identificado como comunista e silenciado, mas não sem resistências. Essa discursividade anticomunista subsiste, produzindo seus efeitos nos movimentos da sociedade, como nos discursos de oposição aos governos petistas de Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2014), objeto de reflexão em pesquisa que estamos desenvolvendo. Nesses discursos, os governantes petistas são frequentemente denominados como “comunistas”, reinscrevendo sentidos analisados neste artigo.

### Referências

FARIAS, D. D. **Em defesa da ordem**: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945). São Paulo: Hucitec, 1998.

HENRY, P. Constructions relatives et articulations discursives. *Langages*, Paris, n. 37, mars p. 81-98, 1975.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

LINK, L. **O diabo**: a máscara sem rosto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes: Ed. da Unicamp, 1997.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997b. p. 61-161.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 163-252.

SIQUEIRA, E. M. et al. **O processo histórico de Mato Grosso**. Cuiabá: Guaicurus, 1990.

*Imprensa  
católica e  
formação  
política  
e social  
do Brasil*

---

155